

MIGRAÇÃO E O SETOR DE PETRÓLEO E GÁS NO ESPÍRITO SANTO¹

Ednelson Mariano Dota²
Universidade Federal do Espírito Santo
ednelson.dota@ufes.br

RESUMO

O Espírito Santo tem recebido investimentos relevantes do setor de petróleo e gás e os impactos econômicos e sociais ainda são pouco conhecidos. O objetivo deste artigo é apresentar como esses investimentos estão influenciando o crescimento demográfico nas distintas porções do estado, a partir da modificação da dinâmica migratória. Para tanto, utiliza-se os dados do Censo Demográfico de 2000 e 2010, analisando as mudanças no mercado de trabalho e dos fluxos migratórios. Como resultado, verificou-se aumento do saldo migratório nos municípios mais impactados pelos investimentos, mudando o mapa de crescimento demográfico do estado. Ademais, verificou-se que o aumento dos fluxos de trabalhadores entre as regiões mais favorecidas pelos investimentos e os municípios da região metropolitana tendem a modificar a dinâmica urbana e regional do estado.

Palavras-chave: Migração; Investimentos; Dinâmica econômica; Mobilidade.

GT – 05: Mobilidade, migração e espaço urbano

¹ Este trabalho é resultado parcial dos projetos de pesquisa “A geografia econômica e regional do petróleo e do gás no litoral do Espírito Santo” e “Condicionantes da dinâmica migratória no Espírito Santo pós-2000” (FAPES/CNPq 80605869, TO 129/17). As opiniões, hipóteses e conclusões são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPES e/ou do CNPq.

² Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo.

1 INTRODUÇÃO

Os grandes investimentos econômicos impactam decisivamente as estruturas urbanas e regionais consolidadas no território, reverberando seus efeitos na sociedade em várias dimensões. O setor de exploração e produção de petróleo e gás se destaca no Brasil pelo tamanho e envergadura, transformando os locais em que inicia ou intensifica a atuação. As descobertas de petróleo na camada pré-sal, na década de 2000, trouxeram novas perspectivas para o setor, e os investimentos cresceram tanto em volume quanto em área. No Espírito Santo, vem crescendo vigorosamente através de investimentos na exploração, produção e distribuição. Com isso, as receitas têm crescido, e os impactos diretos e indiretos, ainda pouco analisados, vêm modificando os municípios diretamente envolvidos.

Esses municípios, concomitantemente ao recebimento dos investimentos, passaram a se destacar na dinâmica populacional, sobretudo pela concentração do crescimento demográfico em detrimento do interior. Há uma mudança na dinâmica espacial do crescimento demográfico, num período em que o contexto geral aponta para menor crescimento em relação às décadas anteriores e de intensificação da diferença entre municípios que ganham e perdem população. Nesse contexto, os municípios litorâneos tem evidenciado uma posição diferenciada no estado, resultado direto dos grandes investimentos recebidos.

Essas modificações resultam da dinâmica migratória, que apresentou maiores volumes na última década com modificações substanciais em relação a períodos anteriores. Diante disso, o objetivo deste artigo, a partir destas novidades, é analisar a relação entre a dinâmica migratória dos municípios litorâneos do Espírito Santo e os investimentos do setor petrolífero. A hipótese é a de que os investimentos desse setor impactaram a migração nos municípios litorâneos não-metropolitanos do Espírito Santo, com destaque para aqueles ao norte da Região Metropolitana da Grande Vitória. Apesar de não empregar diretamente um volume muito grande de trabalhadores, os efeitos econômicos dos investimentos são abrangentes, tanto pelo consumo de produtos e serviços localmente como pela reverberação dos altos salários pagos aos empregados diretos, juntamente com os recursos aportados nos municípios através de royalties e impostos.

Para tanto, parte-se de um debate teórico sobre a relação entre a dinâmica migratória e a dinâmica econômica, numa leitura das transformações no mercado de trabalho e no movimento das pessoas com base no Censo Demográfico brasileiro de 2000 e 2010.

2 MIGRAÇÃO E DINÂMICA ECONÔMICA

Enquanto fenômeno social, a migração não pode ser facilmente explicada: há sempre múltiplos fatores que podem ser apontados como contribuintes para a existência de um movimento. Tanto nas perspectivas individuais como nas histórico-estruturais, como a proposta aqui, os fatores econômicos aparecem enquanto condicionantes de primeira ordem, já que a migração tende a ser compreendida como um meio e não um fim em si mesma.

Zelinsky (1980) aponta tal complexidade como limitador para elaboração de uma teoria “conclusiva” para a migração. Além da própria questão teórica, que pode ser entendida numa perspectiva ampla ou mais restrita (GRAHAM, 2000), há outros pontos que merecem atenção, como as questões conceituais, metodológicas (GRAHAM, 2004; CUNHA, 2011) e até mesmo da produção e da validação desse tipo de informação enquanto representativa da realidade (CAMPOS, 2018).

No Brasil, a migração e a dinâmica econômica estiveram estritamente atreladas ao longo do século XX, e essa relação está na base da atual organização espacial da população brasileira. As principais aglomerações urbanas foram impulsionadas pela migração campo-cidade, tendo de um lado os fatores de estagnação e de modernização, e de outro a industrialização (SINGER, 1976), que aprofundava as desigualdades territoriais já observadas até então. São Paulo, principal destino em nível nacional desses grandes fluxos, se destacava no desenvolvimento industrial e na agricultura (PACHECO; PATARRA, 1998), inserindo produtivamente grande parte dos migrantes que para lá se dirigiam.

A crise econômica da década de 1980, conhecida como “década perdida”, modificou os fluxos predominantes até então: os principais perderam volume, houve aumento da migração de retorno (PACHECO; PATARRA, 1998) e dos fluxos intraestaduais e intrametropolitanos (NUNES; SILVA; QUEIROZ, 2017; DOTA, QUEIROZ, 2019). Para Cunha e Baeninger (2007), tal processo esteve relacionado à nova centralidade ou espaços de migração, resultantes dos novos processos na dinâmica econômica, principalmente a reestruturação produtiva e a desconcentração industrial.

Apesar da dificuldade ou mesmo impossibilidade de correlacionar diretamente a migração e a dinâmica econômica brasileira, as consideráveis mudanças observadas nas últimas décadas acompanharam as transformações estruturais da economia. Nesse sentido, concordando com King (2012), as mudanças na migração nos períodos de crise econômica, assim como de desestruturação e reestruturação, relembram e reforçam o quanto os fluxos migratórios estão

atrelados à dinâmica econômica. Como exemplo, apesar décadas de distância, os resultados apresentados por Martine, Neiva e Macedo (1984) guardam relação aos de Dota e Queiroz (2019), o que permite afirmar e dar destaque aos fatores estruturais e conjunturais da migração, justamente pela forte relação com a dinâmica econômica.

Não se quer reificar a perspectiva econômica na base explicativa da migração, que muitas vezes torna-se economicista e, portanto, parcial na sua capacidade de explicar. Não se acredita, ao mesmo tempo, que seja possível explicar por completo, mesmo que se unam fatores objetivos e subjetivos, micro e macroestruturais, pela complexidade inerente dos fenômenos sociais. A análise proposta nesse artigo, utilizando-se de dados secundários numa perspectiva estrutural não pretende ser conclusiva, de todo modo, poderá evidenciar o tipo e nível de impacto que esses investimentos geraram ao longo da década de 2000.

A análise das seções seguintes se baseia em dados secundários, com destaque para os microdados do Censo Demográfico de 2000 e 2010. A migração foi analisada utilizando-se o quesito “data-fixa”, que capta o município de residência do migrante 5 anos antes do período de referencia da pesquisa, ou seja, 1995 e 2005, respectivamente, para os censos de 2000 e 2010.

3 DINÂMICA MIGRATÓRIA E O SETOR PETROLÍFERO NO ESPÍRITO SANTO

A preocupação com os impactos sociais e econômicos dos grandes investimentos do setor de petróleo e gás é tema complexo, tendo em vista as inúmeras variáveis relacionadas e a contemporaneidade dos vultosos recursos do pré-sal, que suscitaram nos últimos anos inúmeras mudanças em leis, além de leilões, aquisições, vendas etc. A relevância do setor é global, já que o petróleo pode ser considerado como o principal negócio em nível mundial (COSTA, 2015), de interesse tanto dos Estados nacionais como das empresas privadas (EGLER; MATTOS, 2015) pelas inúmeras oportunidades que suscita (RAPPEL, 2007), englobando debates desde a reprodução do capital ao desenvolvimento econômico e melhoria social.

Piquet (2007), num esforço teórico e metodológico para refletir sobre os impactos desses investimentos na dinâmica regional, evidencia o papel político dos mesmos, pelo uso como ferramenta de desenvolvimento e redução das desigualdades regionais. Destaca, entretanto, que os balanços geralmente são desfavoráveis às áreas receptoras, sobretudo pelas transformações estruturais na demografia e no emprego (PIQUET; TAVARES; PESSOA, 2017).

Na análise dos resultados no norte fluminense, Piquet, Tavares e Pessoa (2017) verificaram mudanças estruturais na economia, e que apesar da tendência decadente pelas próprias transformações políticas e do setor no médio e longo prazo, abre possibilidades de reaproveitamento da estrutura criada para outros fins. Em perspectiva semelhante, Silva e Irazábal-Zurita (2019) apontam que as expectativas de desenvolvimento regional criada no entorno da Região Metropolitana do Rio de Janeiro com a construção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ) viraram desalento, visto que o efeito econômico esperado não aconteceu³.

O Espírito Santo vem passando por mudanças a partir dos investimentos do setor, e o estudo dos primeiros impactos podem ser representativos para compreender as especificidades locais, já que as estruturas no estado são distintas de outras partes do Brasil (ZANOTELLI; DOTA; FERREIRA, 2017).

Para contextualizar essas especificidades, cabe destacar que o crescimento demográfico do Espírito Santo vem acompanhando a tendência geral observada para o Brasil, de decréscimo nas últimas décadas. Após a política de erradicação dos cafezais, que teve impacto significativo no crescimento da década de 1960 pela emigração de pessoas que tiveram seu modo de vida inviabilizado, o estado apresentou nas décadas seguintes saldo migratório positivo, com baixo incremento de população via migração (DOTA; COELHO; CAMARGO, 2017).

Tal resultado, entretanto, não significou manutenção na distribuição espacial da população como observado até então. Na verdade, os investimentos em estruturas produtivas concentradas nos municípios que atualmente constituem a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), principalmente na capital, Vitória, e no entorno imediato (Cariacica, Serra e Vila Velha), associado ao início da desestruturação do campo promovido pela política citada culminou numa redistribuição interna maciça, com um esvaziamento do interior e concentração da população nos municípios metropolitanos.

O estado, portanto, viveu ao longo da segunda metade do século XX uma onda de redistribuição populacional interna provocada pelas desigualdades territoriais. Estas, que se evidenciavam principalmente entre região metropolitana e interior, também se fortaleceram entre o interior e os municípios litorâneos, que parecem ter ganhado papel intermediário entre os metropolitanos, que concentram poder político e econômico via serviços, indústria e comércio, e

³ Cabe destacar que a planta inicialmente planejada não foi finalizada, sendo que as obras foram paralisadas em 2015.

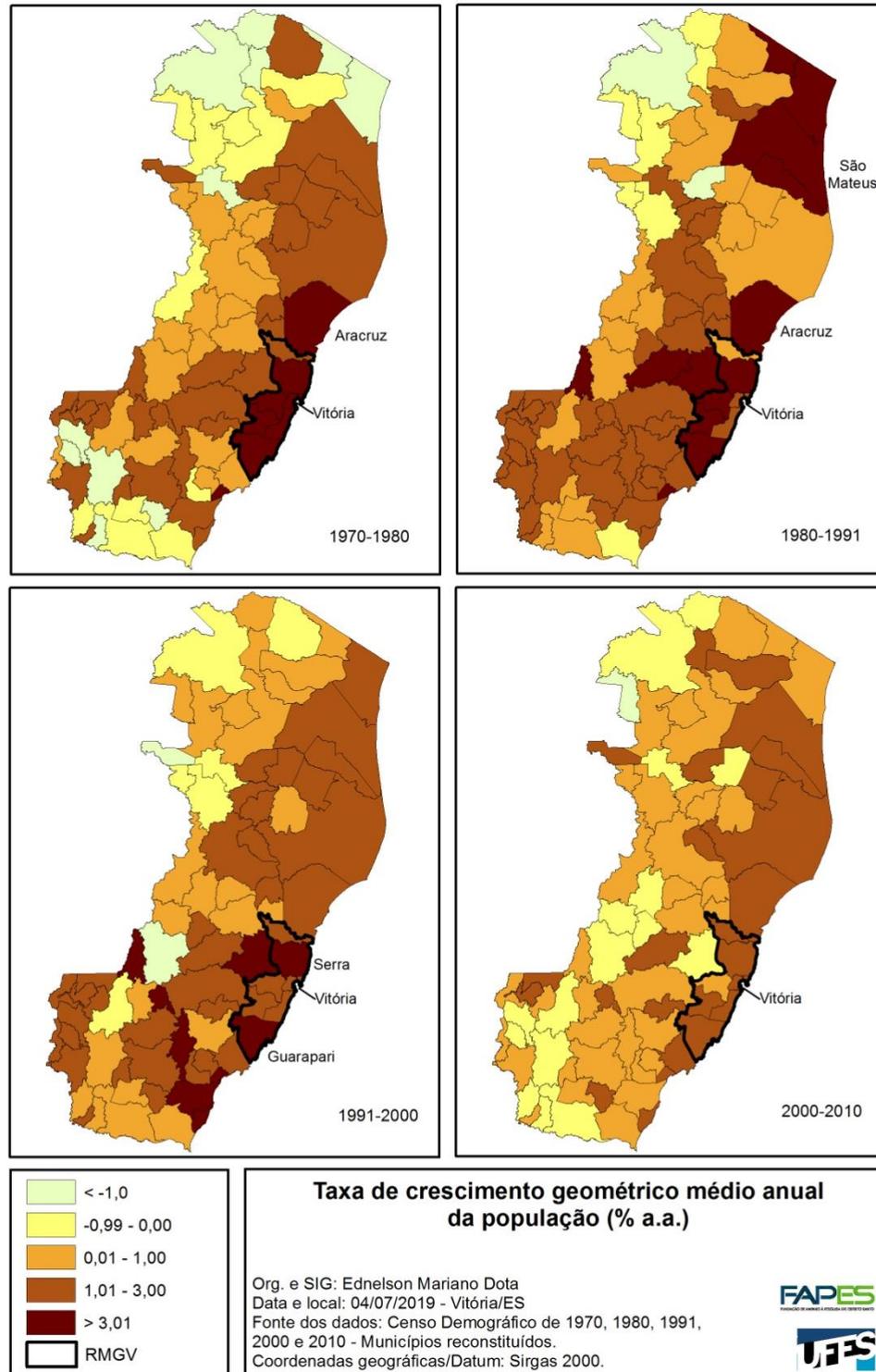
os interioranos, cuja economia, guardadas algumas especificidades, está fortemente relacionada ao setor primário.

Essa diferenciação foi aprofundada nas últimas décadas pela instalação ao sul da RMGV da mineradora Samarco e do porto de Ubu, e ao norte da Aracruz Celulose (atual Fibria) e do porto de Barra do Riacho (Portocel), cuja proximidade e a interação criada com os municípios da RMGV levou Zanutelli et al. (2014) a propor que estaria se formando uma região metropolitana expandida.

A diferenciação dos municípios litorâneos implicou nas últimas décadas num maior crescimento desses em relação ao interior, fato observado desde a década de 1970, conforme Figura 1. Entre 1970 e 2000, além da maior taxa dos municípios litorâneos, é possível observar grupos de municípios com maior destaque em cada momento: na década de 1980, o litoral no extremo norte junto a Aracruz e uma faixa do entorno metropolitano até Santa Maria de Jetibá; na década de 1990 municípios “isolados” circunvizinhos ao litoral sul, e na década de 2000 grande parte do litoral do estado.

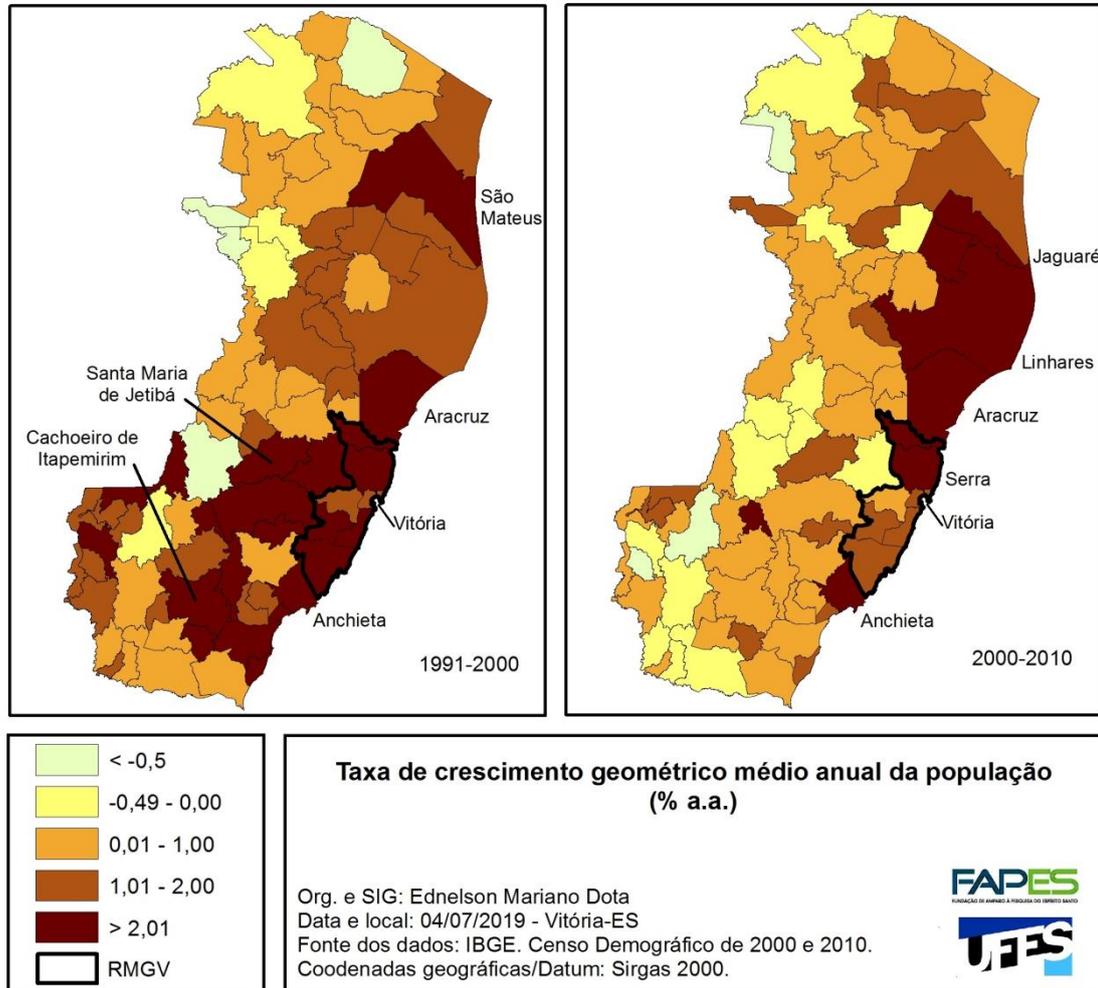
Considerando as altas taxas de crescimento, principalmente entre as décadas de 1970 e 1990, a comparação da dinâmica entre 1991 e 2010 fica prejudicada, já que neste período as taxas foram consideravelmente menores com discrepâncias menos evidentes entre os municípios. Os mapas da Figura 2, nesse sentido, permitem visualizar de forma mais clara as mudanças na dinâmica do crescimento demográfico entre as décadas de 1990 e 2000. Na primeira havia forte concentração desse crescimento entre os municípios da RMGV e o litoral sul, enquanto no segundo período esse crescimento se deslocou para os municípios do litoral norte, num eixo que engloba desde Serra e segue até Jaguaré, evidenciando uma mudança na dinâmica do crescimento demográfico no estado.

Figura 1. Taxa de crescimento geométrica média anual da população. Municípios do Espírito Santo, 1970-2010⁴.



⁴ Na construção dos mapas foi utilizada a divisão político-administrativa referente a 2010, o que permite comparações mais precisas quanto à visualização dos diferenciais de crescimento. Para que a análise ao longo das décadas não fosse distorcida, as taxas dos municípios emancipados foram calculadas como se não houvesse a

Figura 2. Taxa de crescimento geométrica média anual da população. Municípios do Espírito Santo, 1991-2010¹.



Cabe destacar, nesse sentido, que os municípios que apresentaram as maiores taxas de crescimento na década de 2000 foram justamente aqueles mais impactados pelos investimentos do setor petrolífero, que ganhou grande impulso no estado a partir das descobertas dos campos de pré-sal em 2007.

Em 2015, o Espírito Santo contribuiu com 16% da produção de petróleo nacional e 8,7% da produção de gás, concentrando em seu território aproximadamente 8% das reservas nacionais (ANP, 2016). Mais relevante, porém, é o conjunto da bacia sedimentar onde estão as maiores reservas, entre a costa do Espírito Santo e de São Paulo, passando pelo Rio de Janeiro, que direciona e concentra os investimentos e os resultados territoriais destes. Nesse ínterim,

separação na década em que a mesma ocorreu, evidenciando de maneira mais adequada a dinâmica espacial do crescimento demográfico ao longo do tempo.

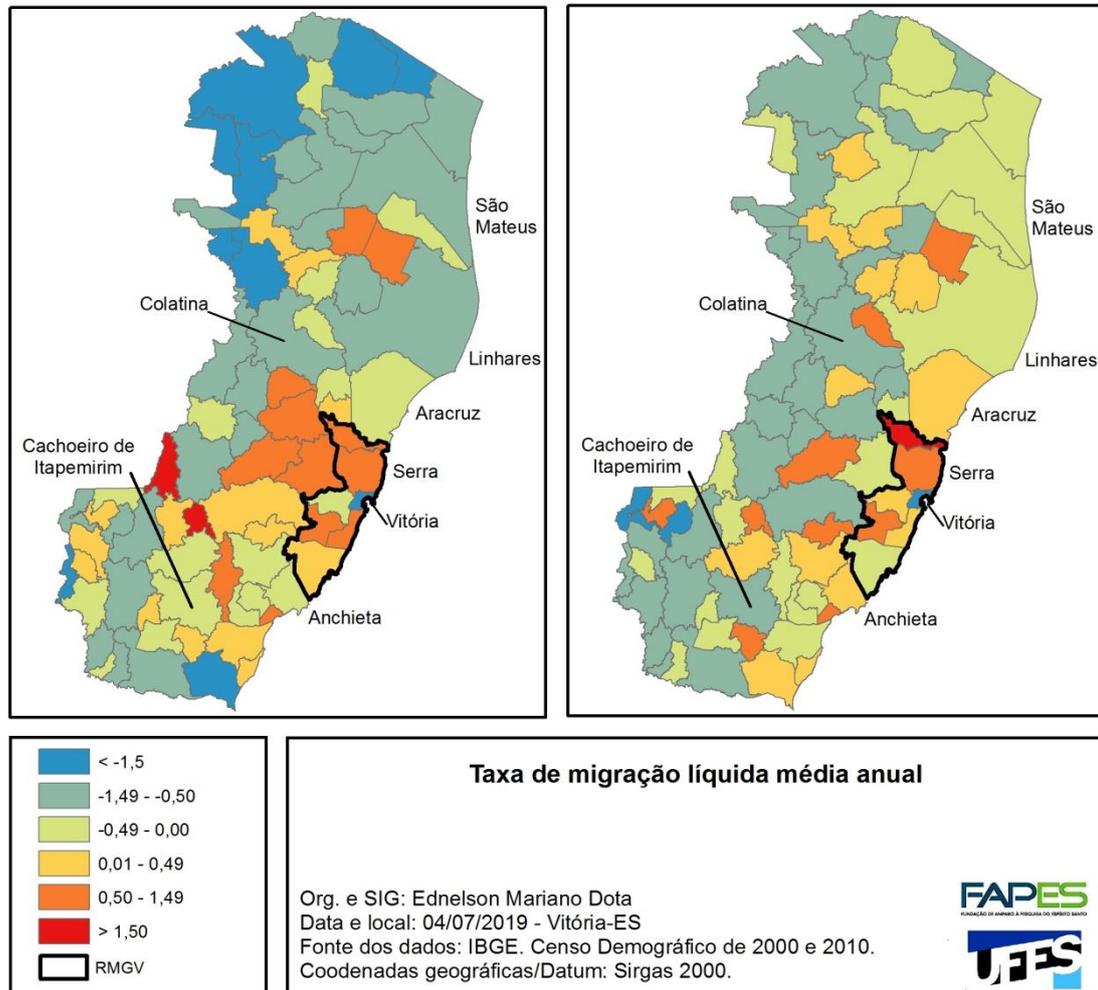
Zanotelli, Dota e Ferreira (2017) propõe uma análise baseada numa “bacia socioeconômica”, que seria resultado dos fluxos produtivos, econômicos e de pessoas advindas dos investimentos relacionados à bacia sedimentar.

Especificamente no Espírito Santo, as transformações recentes em termos de crescimento demográfico e migração reforçam a hipótese de estarem relacionados aos investimentos do setor de petróleo e gás. No caso da migração, é possível destacar através dos mapas da taxa de migração líquida média anual (Figura 3) três aspectos principais: (1) os municípios da RMGV, apesar das mudanças no nível, continuam apresentando as maiores taxas do Estado (com exceção à Vitória, por suas especificidades⁵); (2) os municípios do litoral-sul reduziram as taxas, sendo que a maior parte saiu de positivas na década de 1990 para taxas negativas ou próximas de zero na década de 2000; (3) os municípios do litoral norte, que na década de 1990 apresentaram taxas líquidas negativas baixas e médias (com poucas exceções), passaram em 2000 a taxas maiores, com destaque para Aracruz e municípios pequenos no entorno de Linhares e São Mateus, que sofreram impactos positivos da migração mais evidentes.

Essas mudanças, quando analisadas a partir da regionalização proposta para medir os impactos do petróleo (ZANOTELLI; DOTA; FERREIRA, 2017) evidenciam os resultados da migração em cada porção do território (Gráfico 1). Enquanto na RMGV observou-se saldo total de quase 100 mil pessoas, a outra área com saldo migratório positivo foi justamente a região costeira norte, enquanto a sul e o interior perderam população via migração.

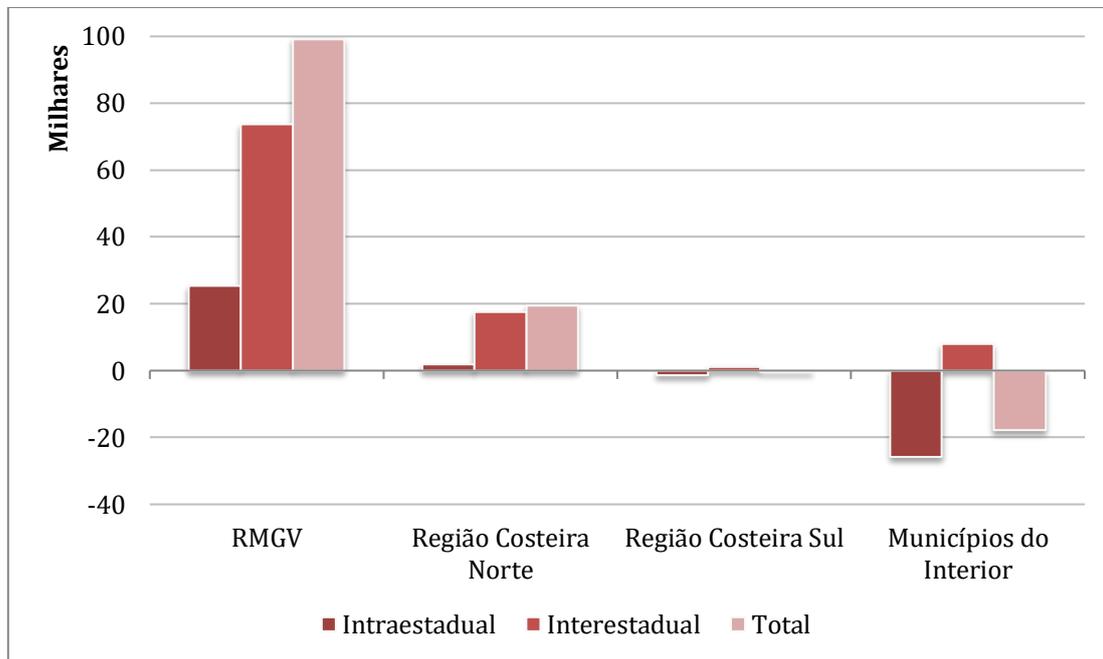
⁵ Essas especificidades estão relacionadas ao papel enquanto capital no processo de redistribuição espacial da população na região metropolitana, também observado em outras RMs. Para compreender melhor essa dinâmica na RMGV, ver Dota e Ferreira (2019) e, no caso do Brasil, ver Cunha (2018).

Figura 3. Taxa de migração líquida média anual. Municípios do Espírito Santo, 1991-2010.



As diferenças regionais da migração na década resultam justamente da dinamicidade econômica materializadas no território. Se na RMGV essa concentração é esperada, o saldo migratório negativo dos municípios do interior responde, em grande medida, a estagnação econômica do setor primário (DOTA, 2019), e a perda de população não é fenômeno recente (CASTIGLIONI, 2009). A pouca variação da região costeira sul contrasta com o crescimento relevante da norte, em que se destacou o saldo migratório pelas trocas interestaduais. Esse resultado, que está relacionado aos já apresentados nos mapas anteriores, reforça a hipótese da influência dos investimentos do setor de petróleo e gás ao longo da década de 2000, que concentrou nos municípios da região costeira norte grande parte dos investimentos.

Gráfico 1. Saldo migratório. Recortes territoriais selecionados, Espírito Santo, 2000-2010.



Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 2000 e 2010. Tabulações especiais...

4 IMPACTO NO MERCADO DE TRABALHO

Os investimentos geram reverberações locais através da construção e concentração de infraestruturas que, tanto ao longo do processo construtivo quanto ao final geram empregos e influenciam a dinâmica econômica local e regional. Essa dinamicidade se materializa nos dados de pessoas ocupadas que, observados comparativamente ao crescimento da população em idade ativa⁶ permite mensurar o impacto em termo de empregabilidade.

Os dados da Tabela 1 apontam que ao longo da década de 2000 a empregabilidade aumentou em todos os recortes territoriais considerados, como resultado do crescimento mais expressivo dos empregos em relação ao crescimento da população em idade ativa. Em 2010, os municípios do interior apresentaram a melhor relação PIA/ocupados, de 1,52, seguido pela região costeira norte (1,57), RMGV (1,63) e região costeira sul (1,73).

⁶ População em idade ativa utilizada nesta pesquisa foram as pessoas com 16 anos de idade ou mais.

Tabela 1. População em idade ativa e pessoas ocupadas, Espírito Santo, 2000-2010.

	PIA		Pessoas ocupadas		Relação PIA/pessoas ocupadas	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
RMGV	1.038.025	1.305.517	578.159	799.496	1,80	1,63
Região costeira norte	213.497	285.776	126.067	182.210	1,69	1,57
Região costeira sul	197.507	237.437	108.191	137.550	1,83	1,73
Municípios do interior	759.523	874.745	496.871	575.131	1,53	1,52
Total	2.208.552	2.703.475	1.309.288	1.694.387	1,69	1,60

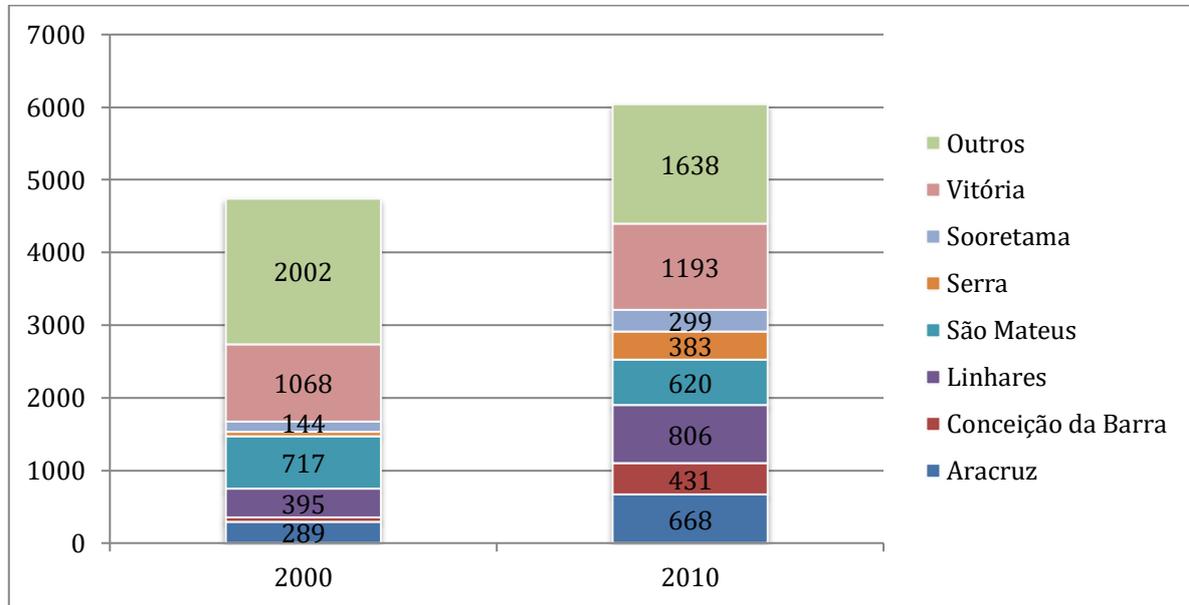
Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 2000 e 2010. Tabulações especiais...

A maior intensidade de aumento na empregabilidade ocorreu entre os municípios da RMGV, a partir da queda na relação PIA/ocupados de 9,4%, seguido por 7,1% da região costeira norte. Essa relação, entretanto, não pode ser analisada de maneira estanque, já que a mobilidade pendular⁷ foi um dos fenômenos que apresentou franca expansão ao longo da década de 2000 e, no Espírito Santo, já foram analisados nas trocas intrametropolitanas (LIRA et al., 2017; DOTA, FERREIRA, 2019), entre a RMGV e os municípios litorâneos com grandes estruturas produtivas (ZANOTELLI et al., 2014) e com destaque para os trabalhadores do setor de petróleo e gás, cuja movimento apresenta-se diferenciado em relação aos trabalhadores de outras indústrias (ZANOTELLI, DOTA, FERREIRA, 2017).

Os municípios do litoral norte apresentaram crescimento 27,3% ao longo da década de 2000 nos deslocamentos pendulares para trabalho. No Gráfico 2 são apresentados os municípios de origem desses trabalhadores.

⁷ A mobilidade pendular é definida neste trabalho como o movimento casa-trabalho entre municípios distintos, o que permite a utilização dos dados captados pelo censo demográfico.

Gráfico 2. Pessoas que realizavam deslocamento pendular para trabalhar em municípios da região costeira norte segundo município de residência. Municípios da região costeira norte, 2000 e 2010.



Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 2000 e 2010. Tabulações especiais...

Destaca-se nos dados que 34,6% do crescimento observado se referem aos fluxos de Vitória e Serra, principalmente do segundo. Em relação ao volume, entretanto, Vitória é a principal origem, respondendo por quase 1,2 mil pessoas das 6 mil. As principais trocas e o maior peso do crescimento, entretanto, ocorreram entre municípios da própria região, com destaque para Aracruz, Conceição da Barra e Linhares. Apenas São Mateus apresentou redução nos deslocamentos ao longo do período.

O crescimento verificado permite afirmar que houve fortalecimento da relação entre os principais municípios da RMGV e os municípios do litoral norte, tendência que apresenta ter se consolidado com os investimentos ocorridos após 2010. Nesse período não captado pelos dados do censo de 2010, verifica-se que a construção e o início das atividades de indústrias diretamente voltadas ao setor do petróleo impactaram decisivamente o volume de empregos nos municípios onde estão instaladas. O caso do município de Aracruz, analisado detalhadamente por Rodrigues (2019) através dos dados da RAIS entre 2007 e 2017 se destaca: o município apresentou crescimento de quase 100% das ocupações do setor parapetrolífero no período, justamente na contramão do mercado de trabalho geral que, pela intensa crise econômica vivenciada, fechou postos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância e o impacto causado pelos grandes investimentos econômicos nos lugares em que se concentram são evidentes e bem conhecidos na literatura. O caso recente do Espírito Santo é mais um exemplo que confirma essa relevância, que o presente trabalho buscou compreender e apontar possíveis caminhos de análise.

O aumento dos postos de trabalho de forma não generalizada, ou seja, concentrado em municípios e em setores específicos permite verificar os impactos diretos dos investimentos. Ao mesmo tempo, a circulação de pessoas para trabalhar e a integração resultante desta constante circulação é tanto resultado quanto promotora de vinculações que, ao longo do tempo, tendem a se fortalecer e modificar a dinâmica urbana e regional atualmente conhecida.

Nesse sentido, para além daquilo que parece ser mais evidente e pode ser medido através de dados secundários, há outras dinâmicas cuja captação depende de outras formas de análise, sobretudo da produção de informação primária, da observação e análise *in loco* e do contato diretamente com os atores envolvidos. São necessários para o aprofundamento outros elementos, mas o impacto na migração e a concentração nos municípios do litoral norte, que já modificou o mapa do crescimento demográfico no Espírito Santo, é não só relevante como revelador das novas dinâmicas sociais e econômicas promovidas pelos grandes investimentos no Brasil.

Como desafio aponta-se a necessidade de compreender esses impactos de forma mais detalhada, de entender como a estrutura produtiva está sendo modificada, e medir os impactos sociais dessa modificação, que geralmente são profundos e permanentes, e nem sempre positivos.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Agência Nacional do Petróleo, Gás natural e Bicombustíveis – ANP. **Anuário Estatístico Brasileiro do Petróleo, Gás Natural e Bicombustíveis**. Brasília, 2016.

CAMPOS, M. B. Afinal, quem é migrante? **Revista da UFMG**, v. 25, n. 1 e 2, p. 64-87, 2018. Disponível em: https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/25/Revista_UFMG_25_p064-087.pdf



- CASTIGLIONI, A. H. Migração: abordagens teóricas. In: ARAGÓN, L. E. (org.) **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFGPA, v. 1, p. 39-57, 2009.
- COSTA, P. A evolução da indústria petrolífera: uma caracterização geral. In: MONIÉ, F. (Org.) **Geografia e Geopolítica do Petróleo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- CUNHA, J. M. P. da. “Apresentação”. In: CUNHA, J. M. P. da (org.) **Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2011. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/mobilidade_espacial_da_populacao.html
- CUNHA, J. M. P. da; BAENINGER, R. Lãs migraciones internas em el Brasil Contemporáneo. **Notas de Población**, CEPAL/CELADE, Año XXXII, n. 82, 2007.
- CUNHA, J. M. P. da (Org.). **Dinâmica demográfica e socioespacial no Brasil Metropolitano: convergências e especificidades regionais**. EdUFSCar, 2018.
- DOTA, E. M.; COELHO, A. L. N.; CAMARGO, D. M. **Atlas da migração no Espírito Santo**. Vitória, UFES, Proex, 1.ed, 2017. Disponível em: <http://www.geo.ufes.br/sites/geografia.ufes.br/files/field/anexo/atlas3.pdf>
- DOTA, E. M.; QUEIROZ, S. N. de. Migração interna em tempos de crise no Brasil. **Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.**, v. 21, n. 2, 2019. Disponível em: <http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5854>
- DOTA, E. M. Oportunidades de trabalho e a migração rural-urbana no Espírito Santo. **Revista Rural & Urbano**, v.4, n.1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/article/view/241093>
- DOTA, E. M.; FERREIRA, F. C. Mobilidade espacial da população e planejamento: considerações sobre a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). In: LYRA, A. P. R.; FERREIRA, G. L.; FERREIRA, G. A. C.; LIRA, P. S. (orgs.) **Cidade e MetrÓpole: Coleção Arquitetura e Cidade**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.
- GRAHAM, E. What kind of theory for what kind of population geography?. **International Journal of Population Geography**, v. 6, n. 4, p. 257-272, 2000.
- GRAHAM, E. The past, present and future of population geography: reflections on Glenn Trewartha's address fifty years on. **Population, Space and Place**, v. 10, n. 4, p. 289-294, 2004.
- KING, R. Geography and migration studies: Retrospect and prospect. **Population, space and place**, v. 18, n. 2, p. 134-153, 2012.
- LIRA, P. et al. Transformações, permanências e desafios na mobilidade espacial metropolitana: movimentos pendulares na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). **Geografares**, n.24, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/16874>.



MARTINE, G.; NEIVA, I.C.; MACEDO, M. Migração, crise e outras agurras. In: Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP), 1984. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/335/329>

NUNES, E. S.; SILVA, J. G.; QUEIROZ, S. N. de. Migração inter-regional no Brasil: o que há de novo? In: Anais do XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), 2017. Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/download/2047/2026/>

PACHECO, C. A.; PATARRA, N. L. “Movimentos migratórios anos 80: novos padrões?”. In: Encontro Nacional sobre Migração, 1998. Anais...Curitiba: Abep/Ipardes, 1998.

PIQUET, R.; TAVARES, É.; PESSÔA, J. M. Emprego no setor petrolífero: dinâmica econômica e trabalho no Norte Fluminense. **Cadernos Metrópole**, v. 19, n. 38, p. 201–224, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/2236-9996.2017-3808>

PIQUET, R. Indústria do petróleo e dinâmica regional: reflexões teórico-metodológicas. In: PIQUET, R.; SERRA, R. V.(org.) **Petróleo e Região no Brasil: o Desafio da Abundância**. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

RAPPEL, E. Tendências do setor de petróleo e gás no Brasil: oportunidades e desafios para os fornecedores de bens e serviços. In: PIQUET, R.; SERRA, R. V.(org.) **Petróleo e Região no Brasil: o Desafio da Abundância**. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

RODRIGUES, R. M. **O impacto dos investimentos econômicos do petróleo na dinâmica migratória do Espírito Santo pós-2000**. Relatório de pesquisa, 2019.

SILVA, R. D. DA; IRAZÁBAL-ZURITA, C. E. Boom, Burst e Doom: O Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro como catalisador do Desenvolvimento Urbano-Regional. **Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.**, v. 21, n. 2, p. 351–370, 2019. Disponível em: <http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5814>

SINGER, P. **Economia política e urbanização**. 3ed. CEBRAP, Brasiliense, 1976.

ZANOTELLI, C. L. FERREIRA, F. C. ANTONIO. L. M e BERGAMASHI. R. B. A renda da terra na Região Metropolitana da Grande Vitória – ES – Brasil, **Confins**, n.21, 2014, Disponível em: <http://confins.revues.org/9738>.

ZANOTELLI, C. L. ; DOTA, E. M. ; FERREIRA, F. C. Esboço de uma bacia urbano-regional do petróleo entre a zona costeira do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. In: XV Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2017, Salvador. Anais do XV SIMPURB, 2017. Disponível em: http://www.inscricoesxvsimpurb.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_download.asp?nome=88698.docx

ZELINSKY, W. The impasse in migration: a sketch map for potencial scapes. In: MORRISON, P. (Ed.). **Population movements: their forms and functions in urbanization and development**. Liège: Ordina Ed., 1980.